

DA VENCEDORA DO
PRÊMIO NOBEL
DE LITERATURA 2015

svetlana
aleksiévitch

vozes
de
tchernóbil

a história oral do
desastre nuclear

PRÊMIO  NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS



30
ANOS

SVETLANA ALEKSIÉVITCH

Vozes de Tchernóbil

Crônica do futuro

Tradução do russo
Sonia Branco



Nós somos ar, não somos terra...

Merab Mamardáçhvili

Sumário

Nota histórica

Uma solitária voz humana

Entrevista da autora consigo mesma sobre a história omitida e sobre por que Tchernóbil desafia a nossa visão de mundo

PRIMEIRA PARTE: A TERRA DOS MORTOS

Coro de soldados

SEGUNDA PARTE: A COROA DA CRIAÇÃO

Coro do povo

TERCEIRA PARTE: A ADMIRAÇÃO PELA TRISTEZA

Coro de crianças

Uma solitária voz humana

A título de epílogo

Apêndice — A batalha perdida

Nota histórica

Belarús*... Para o mundo, somos uma terra incógnita — uma terra totalmente desconhecida. “Rússia Branca”: é mais ou menos assim que o nome do nosso país soa em inglês. Já Tchernóbil todos conhecem; no entanto, relacionam-no apenas à Ucrânia e à Rússia. Um dia ainda deveríamos contar a nossa história...

Naródnaia Gazeta, 27 abr. 1996

No dia 26 de abril de 1986, à 1h23min58, uma série de explosões destruiu o reator e o prédio do quarto bloco da Central Elétrica Atômica (CEA) de Tchernóbil, situado bem próximo à fronteira da Belarús. A catástrofe de Tchernóbil se converteu no mais grave desastre tecnológico do século XX.

Para a pequena Belarús (com uma população de 10 milhões de habitantes), o acidente representou uma desgraça nacional, levando-se em conta que ali não havia nenhuma central atômica. Tratava-se de um país agrário com predomínio de populações rurais. Nos anos da Segunda Guerra Mundial, os nazistas destruíram 619 aldeias no país, com toda a sua população. Depois de Tchernóbil, o país perdeu 485 aldeias: setenta delas estão sepultadas sob a terra para sempre. A mortalidade na guerra foi de um para cada quatro bielorrussos; hoje, um em cada cinco vive em território contaminado. São 2,1 milhões de pessoas, dentre as quais 700 mil crianças. Dentre os fatores de descenso demográfico, a radiação

ocupa o primeiro lugar. Nas regiões de Gómel e Moguilióv (as mais afetadas pelo acidente), a mortalidade superou a natalidade em 20%.

As explosões lançaram na atmosfera 50×10^6 Ci de radionuclídeos, dos quais 70% caíram sobre a Belarús: 23% do seu território está contaminado por radionuclídeos de densidade superior a 1 Ci/km^2 de céσιο-137. Para fins de comparação: a Ucrânia teve 4,8% do seu território contaminado, e a Rússia 0,5%. A superfície das terras cultiváveis que possuem concentração radiativa de 1 Ci/km^2 ou mais representa 1,8 milhão de hectares; de estrôncio-90 com concentração de $0,3 \text{ Ci/km}^2$ ou mais, cerca de 0,5 milhão de hectares. A produção agrícola perdeu 264 mil hectares de terra. A Belarús é um país de bosques, mas 205 deles e mais da metade dos seus prados no leito dos rios Prípiat, Dniepr e Soj se encontram nas zonas de contaminação radiativa.

Em consequência da ação constante de pequenas doses de radiação, a cada ano cresce no país o número de doentes de câncer, de deficientes mentais, de pessoas com disfunções neuropsicológicas e com mutações genéticas.

“Tchernóbil”. *Bielarúskaia Entsiklopédia*, 1996, pp. 7, 24, 49, 101,
149

* * *

De acordo com observações diversas, em 29 de abril de 1986 foram registrados altos níveis de radiação na Polônia, na Alemanha, na Áustria e na Romênia; em 30 de abril, na Suíça e no norte da Itália; nos dias 1º e 2 de maio, na França, na Bélgica, nos Países Baixos, na Grã-Bretanha e no norte da Grécia; em 3 de maio, em Israel, no Kuwait e na Turquia...

Projetadas a grandes alturas, as substâncias gasosas e voláteis se dispersaram pelo globo: em 2 de maio foram registradas no Japão; no dia 4, na China; no dia 5, na Índia; e em 5 e 6 de maio, nos Estados Unidos e no Canadá.

Em menos de uma semana, Tchernóbil se tornou um problema para o mundo inteiro.

“Consequências do acidente de Tchernóbil na Belarús”. Minsk, Escola Superior Internacional de Radioecologia Sákharov, 1992, p.

82

O quarto reator, cuja instalação denominava-se “Abrigo”, continua guardando nas suas entranhas de chumbo e concreto armado cerca de duzentas toneladas de material nuclear. Entretanto, parte do combustível se misturou ao grafite e ao concreto. O que ocorre atualmente com esse material, ninguém sabe.

O sarcófago foi erigido às pressas; tratava-se de uma construção única no gênero, e os engenheiros de São Petersburgo que a elaboraram devem certamente ter se orgulhado dela. A instalação deveria manter-se em funcionamento por trinta anos. No entanto, montaram-na “à distância”, as pranchas foram unidas com auxílio de robôs e helicópteros e, dessa forma, deixaram fendas. Atualmente, de acordo com alguns dados, a superfície total de zonas defeituosas e fendidas ultrapassa duzentos metros quadrados, por onde continuam a escapar aerossóis radiativos. Se o vento sopra do norte, a atividade radiativa é detectada no sul: urânio, plutônio, céσιο. Em dias ensolarados é possível ver na sala do reator, com a luz apagada, colunas de luz que caem do teto. O que é isso? A chuva também penetra no reator, e quando a água cai sobre a massa de combustível, torna possível uma reação em cadeia.

O sarcófago é um defunto que respira. Respira morte. Quanto tempo ainda se sustentará? A isso ninguém responde. Até hoje é impossível se aproximar de muitos dos seus blocos e construções para estabelecer o grau de segurança. Porém, todos compreendem que a destruição do “Abrigo” traria consequências ainda mais terríveis que aquelas de 1986.

Ogoniók, n. 17, abr. 1996

Antes de Tchernóbil, havia 82 casos de doenças oncológicas para cada 100 mil habitantes. Hoje a estatística indica que há 6 mil doentes para os mesmos 100 mil habitantes. Os casos multiplicaram-se quase 74 vezes.

A mortalidade nos últimos dez anos cresceu em 23,5%. De cada catorze pessoas, em geral ainda aptas a trabalhar, entre 46 e cinquenta anos, apenas uma morre de velhice. Nas regiões mais contaminadas, as inspeções médicas indicaram que de cada dez pessoas, sete estão doentes. Ao visitar a zona rural, você se assusta com o espaço ocupado por cemitérios...

Até hoje muitas cifras são desconhecidas. São mantidas em segredo, de tão monstruosas que são! A União Soviética enviou para o local da catástrofe 800 mil soldados em serviço de urgência e convocou “liquidadores”.** A média de idade destes últimos era de 33 anos. Os mais jovens saíram da escola diretamente para o serviço.

Só na lista de liquidadores da Belarús contam-se 115 493 pessoas. Segundo dados do Ministério da Saúde, de 1990 a 2003 morreram 8553 liquidadores. Duas pessoas por dia.

Assim começa a história: no ano de 1986, começam a aparecer reportagens sobre o julgamento dos acusados pela catástrofe de Tchernóbil nas primeiras páginas dos jornais soviéticos e estrangeiros.

Mas, agora, imagine um prédio de cinco andares vazio. Uma casa sem moradores, mas com objetos, mobílias e roupas — coisas que ninguém nunca mais poderá usar, porque essa casa fica em Tchernóbil. Pois é justamente numa dessas casas da cidade morta que se realiza uma pequena conferência para a imprensa, oferecida pelas pessoas encarregadas de levar a cabo o julgamento dos acusados pelo acidente atômico. Nas instâncias mais altas do poder, no Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, considerara-se necessário examinar as causas do delito in loco. Na própria cidade de Tchernóbil. O tribunal se constituiu no prédio da Casa da Cultura local. No banco dos

réus havia seis pessoas: o diretor da central atômica, Víktor Briukhánov; o engenheiro-chefe, Nikolai Fomín; o substituto do engenheiro-chefe, Anatóli Diátlov; o chefe do turno, Boris Rogójkin; o chefe da seção do reator, Aleksandr Kovaliénko; e o inspetor do Serviço Estatal de Inspeção de Energia Atômica da União Soviética, Iuri Láuchkin.

Os assentos destinados ao público estavam vazios, ocupados apenas por alguns jornalistas. Aliás, já não vivia mais ninguém por lá, a cidade estava “fechada” por ser “zona de controle radiativo severo”. Não seria esse o motivo de terem-na escolhido como local do julgamento? Quanto menos testemunhas, menor o barulho. Não havia operadores de câmera nem jornalistas estrangeiros. Decerto todos gostariam de ver no banco dos réus as dezenas de funcionários de Moscou igualmente responsáveis. E todo o estamento científico, à época do acidente, deveria ter sido obrigado a assumir as suas responsabilidades. Mas se conformaram com a “arraia-miúda”.

Saiu a sentença: Víktor Briukhánov, Nikolai Fomín e Anatóli Diátlov receberam pena de dez anos. Para os outros, as penas foram menores. No final, Anatóli Diátlov e Iuri Láuchkin morreram em consequência da exposição às fortes radiações. O engenheiro-chefe Nikolai Fomín enlouqueceu. Por outro lado, o diretor da central nuclear Víktor Briukhánov cumpriu toda a sentença, todos os dez anos, ao fim dos quais os seus familiares e alguns jornalistas foram recebê-lo. O acontecimento passou despercebido. O ex-diretor vive atualmente em Kíev e trabalha como simples escrevente em uma empresa.

Assim termina a história.

Em breve a Ucrânia empreenderá uma obra de grande envergadura. Sobre o sarcófago que cobriu, em 1986, o quarto bloco destruído da CEA de Tchernóbil, aparecerá um novo abrigo que será designado de “Arca”. Da realização desse projeto participam 28 países doadores, cujas inversões iniciais de capital ultrapassam 768 milhões de dólares. Esse novo abrigo deve durar não trinta, mas cem anos. A grandiosidade da

sua construção se deve à necessidade de um volume que possa dar conta dos trabalhos de sepultamento dos resíduos. Serão necessárias fundações colossais, prevendo-se a produção de material rochoso artificial feito à base de colunas e chapas de concreto armado. Em seguida, há que se preparar o depósito para onde serão trasladados os resíduos radiativos extraídos do velho sarcófago. O novo abrigo será confeccionado em aço de alta qualidade, capaz de resistir às radiações gama. Só em metal, serão empregadas 18 mil toneladas.

A “Arca” será uma instalação sem precedentes na história da humanidade. Em primeiro lugar, as suas proporções surpreendem. A dupla cobertura alcançará 1509 metros de altura. E esteticamente se assemelhará à torre Eiffel.

Informações compiladas de publicações bielorrussas na internet
entre os anos 2002 e 2005

* Denominação oficial da Bielorrússia naquele país. No texto optou-se por empregar a transliteração tanto do bielorrusso (Belarús) como do russo (Bielorrússia). [Esta e as demais notas são do tradutor.]

** Homens encarregados de minimizar as consequências do acidente de Tchernóbil. Convocados ou voluntários, foram responsáveis por apagar o incêndio, construir o sarcófago e enterrar todos os vestígios de radiação.

Uma solitária voz humana

Não sei do que falar... Da morte ou do amor? Ou é a mesma coisa? Do quê?

Estávamos casados havia pouco tempo. Ainda andávamos na rua de mãos dadas, mesmo quando entrávamos nas lojas. Sempre juntos. Eu dizia a ele “eu te amo”. Mas ainda não sabia o quanto o amava. Nem imaginava... Vivíamos numa residência da unidade dos bombeiros, onde ele servia. No segundo andar. Ali viviam também três famílias jovens, e a cozinha era comunal. Embaixo, no primeiro andar, guardavam os carros, os carros vermelhos do corpo de bombeiros. Esse era o trabalho dele. Eu sempre sabia onde ele estava e o que se passava com ele. No meio da noite, ouvi um barulho. Gritos. Olhei pela janela. Ele me viu: “Feche a persiana e vá se deitar. Há um incêndio na central. Volto logo”.

A explosão, propriamente, eu não vi. Apenas as chamas, que iluminavam tudo... O céu inteiro... Chamas altíssimas. Fuligem. Um calor terrível. E ele não voltava. A fuligem se devia à ardência do betume, o teto da central estava coberto de asfalto. As pessoas andavam sobre o teto como se fosse resina, como depois ele me contou. Os colegas sufocavam as chamas, enquanto ele rastejava. Subia até o reator. Arrastavam o grafite ardente com os pés... Foram para lá sem roupa de lona, com a camisa que estavam usando. Não os preveniram, o aviso era de um incêndio comum...

Quatro horas... Cinco horas... Seis... Nós tínhamos combinado de ir às seis horas à casa dos pais dele, para plantar batatas. Da cidade de

Prípiat até a aldeia Sperijie, onde viviam, são quarenta quilômetros. Nós íamos lá semear, arar... Era o trabalho favorito do meu marido... A mãe dele sempre se lembra de que ela e o pai não queriam deixá-lo ir para a cidade, chegaram a construir uma casa nova. Mas ele foi convocado pelo Exército. Serviu em Moscou nas tropas dos bombeiros e quando voltou só queria ser bombeiro. Nada mais. (*Silêncio.*)

Às vezes parece que escuto a voz dele... Que está vivo... Nem as fotografias me tocam tanto quanto a voz dele. Mas ele nunca me chama. Nem em sonhos... Sou eu que o chamo...

Sete horas... Às sete horas me avisaram que ele estava no hospital. Corri até lá, mas havia um cordão de policiais em torno do prédio, ninguém passava. As ambulâncias chegavam e partiam. Os policiais gritavam: “Os carros estão com radiação, não se aproximem”. Eu não era a única, todas as mulheres cujos maridos estavam na central naquela noite vieram correndo, todas. Quando vi saltar de um carro uma conhecida que trabalhava como médica no hospital, corri e a segurei pelo jaleco:

“Me deixe entrar!”

“Não posso! Ele está mal. Todos estão mal.”

Agarrei-a com força:

“Só quero ver o meu marido.”

“Está bem”, ela disse. “Vamos correr. Mas só por quinze, vinte minutos.”

Eu o vi... Estava todo inchado, inflamado... Os olhos quase não apareciam...

“Ele precisa de leite. Muito leite!”, ela me disse. “Eles devem beber ao menos três litros.”

“Mas ele não bebe leite.”

“Agora vai ter de beber.”

Muitos médicos, enfermeiras e, sobretudo, as auxiliares daquele hospital, depois de algum tempo, começaram a adoecer. Mais tarde morreriam. Mas na época ninguém sabia disso...

Às dez horas da manhã morreu o técnico Chichenok... Foi o primeiro... No primeiro dia... Logo soubemos de outro que tinha ficado debaixo dos escombros, Valera Khodemtchuk. Não conseguiram retirá-lo, foi emparedado no concreto. Mas ainda não sabíamos que estes seriam apenas os primeiros.

Perguntei:

“Vássienka, o que é que eu faço?”

“Vá embora daqui! Vá embora! Você vai ter um filho.”

Eu estava grávida. Mas como deixá-lo? Ele suplicava:

“Vá embora! Salve a criança!”

“Primeiro eu vou te trazer leite, depois decidimos.”

Então, a minha amiga Tânia Kibénok chegou... O marido também estava nessa mesma enfermaria. Ela veio com o pai de carro e partimos juntas para a aldeia mais próxima, que ficava a uns três quilômetros da cidade. Compramos várias garrafas de três litros de leite. Um seis garrafas, que dessem para todo mundo... Mas o leite provocou vômitos terríveis, eles perdiam os sentidos, e por isso os puseram no soro. Os médicos, por algum motivo, nos afirmavam que eles tinham se envenenado com gases, ninguém falava em radiação.

No entanto, a cidade ficou lotada de veículos militares, todas as estradas foram fechadas. Havia soldados por toda parte. Os trens regionais e expressos pararam de circular. As ruas eram lavadas com uma espécie de pó branco... Fiquei assustada: como iria, no dia seguinte, à aldeia comprar leite fresco? Ninguém falava em radiação, só os militares circulavam com máscaras respiratórias... As pessoas compravam os seus pães, saquinhos com doces e pastéis nos balcões... A vida cotidiana prosseguia. Só que... as ruas eram lavadas com uma espécie de pó...

À noite, já não me deixaram entrar no hospital. Havia um mar de gente ao redor... Fiquei em pé debaixo da janela da enfermaria; ele se aproximou e gritou alguma coisa para mim. Parecia desesperado! Alguém na multidão entendeu o que ele disse: seriam levados àquela noite para Moscou. Todas nós, esposas, nos juntamos. Decidimos: vamos com eles. “Que nos deixem ir com os nossos maridos! Vocês não têm

direito!” Lutamos, nos atracamos com os soldados, que já haviam formado um cordão duplo e nos empurravam. Foi então que um médico surgiu e confirmou que os doentes seriam levados de avião para Moscou, e que era preciso roupas para eles, pois as usadas na central haviam sido queimadas. Os ônibus já não circulavam, então atravessamos a cidade correndo. Quando finalmente voltamos com as sacolas, o avião já tinha partido. Fomos enganadas de propósito. Para evitar que gritássemos, que chorássemos...

Noite... De um lado da rua havia muitos ônibus, centenas de ônibus (já preparavam a cidade para a evacuação), e do outro centenas de carros de bombeiro, que haviam sido trazidos de toda parte. A rua inteira estava coberta por uma espuma branca, e nós caminhávamos por ela... Gritando e praguejando...

Pelo rádio, éramos advertidos da necessidade de evacuar a cidade dentro de três a cinco dias, que levássemos conosco agasalhos e roupas esportivas, que iríamos viver nos bosques. Em barracas. As pessoas chegaram a se alegrar: “Vamos à natureza! Vamos comemorar o feriado de Primeiro de Maio”. Algo incomum. Prepararam carne assada, compraram vinho. Levaram violões, toca-fitas. Adoráveis festas de maio. Só as mulheres que tiveram os maridos vitimados choravam.

Não me recordo da viagem... Só despertei quando vi a mãe dele: “Mamãe, Vássia está em Moscou! Foi levado num voo especial!”

Terminamos de semear a horta: batatas, repolho (e daí a uma semana a aldeia seria evacuada!). Quem poderia saber? Quem poderia então saber? À noite, tive um ataque de vômito. Estava no sexto mês de gravidez, me sentia tão mal... Durante a madrugada, sonhei que ele me chamava, ainda estava vivo, me chamava em sonho: “Liúcia! Liúciénka!”. Mas depois que morreu, não me chamou nem uma vez. Nem uma vez... (*Chora.*) Levantei cedo com a ideia de ir sozinha a Moscou... “Aonde você vai desse jeito?”, chorava a mãe dele. Encontramos seu pai no caminho: “Deixe que eu a acompanhe”. E tirou de uma caderneta o dinheiro que possuía. Todo o dinheiro.

Não me recordo da viagem, nem lembro qual foi o caminho que fizemos... Em Moscou, perguntamos ao primeiro policial que encontramos para que hospital tinham sido transferidos os bombeiros de Tchernóbil, e ele nos respondeu; eu até me surpreendi, porque nos haviam assustado: seria um segredo de Estado, totalmente secreto.

“Para a clínica número 6, na Schúkinskaia.”

Nesse hospital, que era uma clínica especial de radiologia, era proibido entrar sem autorização. Ofereci dinheiro ao vigia, que me disse: “Entre”. Disse também a qual andar eu deveria me dirigir. Não sei a quem mais tive de suplicar, implorar... mas, por fim, cheguei ao gabinete da chefe de seção de radiologia, Anguelina Vassílievna Guskova. Até então eu ainda não sabia como ela se chamava, não conseguia pensar em nada. A única coisa que eu sabia é que tinha de ver, encontrar o meu marido...

Ela imediatamente me perguntou: “Querida! Pobrezinha... Você tem filhos?”

Como dizer a verdade? Estava claro que eu devia esconder a minha gravidez, ou não me deixariam vê-lo! Ainda bem que eu era muito magra e não se notava nada.

“Tenho”, respondi.

“Quantos?”

Eu pensei: “É melhor dizer dois. Se disser um, talvez não passe”.

“Um menino e uma menina.”

“Se são dois, então, creio que não terá mais. Agora escute: o sistema nervoso central foi completamente atingido, a medula está totalmente afetada.”

“Bem”, pensei, “ele deve estar mais nervoso.”

“Mais uma coisa: se você chorar, eu a retiro de lá imediatamente. É proibido abraçar e beijar. Não se aproxime muito. Você tem meia hora.”

Mas eu sabia que não iria embora dali. Só iria com ele. Eu havia jurado a mim mesma!

Entrei... Os rapazes estavam sentados na cama, jogando cartas e rindo.

“Vássia!”, gritei.

“Ô, meu pai, estou perdido! Até aqui ela me encontra!”

Ele estava engraçado, vestia um pijama número 48, quando o seu número era 52. As mangas e as calças estavam curtas. O inchaço do rosto havia regredido, e estavam lhe injetando alguma solução.

“Por que perdido?”, perguntei.

Ele quis me abraçar.

“Fique aí sentado”, disse o médico, impedindo que se aproximasse de mim. “Nada de abraços aqui.”

Não sei por quê, mas tomamos isso como brincadeira. E nesse momento todos se aproximaram de nós, vieram também de outros quartos. Eram todos nossa gente. De Prípiat. Ao todo, 28 pessoas foram trazidas de avião. “O que está acontecendo por lá? Como estão as coisas na nossa cidade?” Eu respondi que ela estava começando a ser evacuada, que tinham levado as pessoas para fora da cidade por três ou cinco dias. Os rapazes ficaram em silêncio; havia duas mulheres, uma delas estava de guarda no dia do acidente e chorou:

“Meu Deus! Os meus filhos estão lá. O que será deles?”

Eu queria ficar a sós com o meu marido, nem que fosse por uns minutinhos. Os rapazes perceberam isso, arrumaram pretextos e saíram para o corredor. Eu então o abracei e beijei. Ele se afastou:

“Não fique perto de mim. Pegue uma cadeira.”

“Tudo isso é bobagem”, respondi, dando de ombros. “Você viu o local da explosão? O que aconteceu? Vocês foram os primeiros a chegar lá...”

“É claro que foi sabotagem. Alguém fez de propósito. Todos os rapazes são dessa opinião.”

Então era isso que diziam. E acreditavam.

No dia seguinte, quando cheguei, eles estavam alojados cada um num quarto, separados. Tinham proibido categoricamente que saíssem até o corredor. E que falassem entre si. Mas eles se comunicavam por batidas na parede: ponto-traço, ponto-traço... Ponto... Os médicos justificaram a separação dizendo que cada organismo reage de maneira diferente às doses de radiação: o que um suporta, outro pode não suportar. No quarto em que eles estavam antes, até as paredes reagiam ao contador

Geiger. À direita, à esquerda, e no andar de baixo... Todos foram tirados dali. Esvaziaram os espaços abaixo e acima deles...

Passei três dias na casa de conhecidos em Moscou. Eles me diziam: pegue panelas, tigelas, tudo de que precisar, não se acanhe. Assim é que eram essas pessoas... Assim é que eram! Eu fazia sopa de peru para seis pessoas. Seis dos nossos rapazes... Os bombeiros... Do mesmo turno... Todos eles estavam de plantão naquela noite: Vaschúk, Kibénok, Titiónok, Pravík, Tischúra. Comprei escovas, pasta de dentes e sabonetes para todos. Não havia nada disso no hospital. Comprei toalhas pequenas... Hoje fico impressionada com aqueles amigos que aceitaram me receber; eles, evidentemente, temiam o contágio, não podia ser diferente, já corria todo tipo de rumores, mas, apesar disso, estavam dispostos a me ajudar: “Pegue tudo o que for necessário. Pegue! Como ele está? Como estão todos? Eles vão viver?”. Viver... (*Silêncio.*)

Naqueles dias encontrei muitas pessoas solidárias, não me lembro de todas. E o meu mundo se reduziu a um único ponto... Ele... Apenas ele... Eu me lembro de uma enfermeira auxiliar mais velha que começou a me preparar: “Algumas enfermidades não se curam. Você deve sentar ao lado dele e acariciar a sua mão”.

De manhã cedo eu ia ao mercado e voltava para preparar a sopa dos rapazes. Tinha de limpar as carnes e os legumes, esfarelar e repartir em porções. Um deles me pediu: “Traga uma maçã”. Seis jarras com meio litro de sopa... Sempre seis! No hospital, eu ficava até o anoitecer. E à noite, voltava para o outro lado da cidade. Por quanto tempo eu resistiria? Mas depois de três dias me ofereceram ficar no hotel destinado ao pessoal do hospital, na área do próprio hospital. Deus, que felicidade!

“Mas lá não tem cozinha. Como posso preparar as refeições deles?”

“Você não precisa preparar mais nada. O estômago deles parou de absorver alimentos.”

O meu marido começou a mudar; cada dia eu via nele uma pessoa diferente... As queimaduras saíam para fora... Na boca, na língua, nas maçãs do rosto; de início eram pequenas chagas, depois iam crescendo.

As mucosas caíam em camadas, como películas brancas. A cor do rosto, a cor do corpo... Azulada... Avermelhada... Cinza-escuro... E, no entanto, tudo nele era tão meu, tão querido! É impossível contar! Impossível escrever! E mesmo sobreviver... O que salvava era que tudo acontecia de maneira instantânea, de forma que não dava tempo de pensar, não dava tempo de chorar.

Eu o amava! Eu ainda não sabia como o amava! Tínhamos nos casado havia tão pouco tempo... Ainda não tínhamos tido tempo de nos saciar um do outro... Andávamos na rua, ele me tomava nos braços e me girava. E me beijava, beijava. As pessoas passavam por nós e sorriam.

O processo clínico de uma doença aguda do tipo radiativo dura catorze dias. No 14º dia, o doente morre.

No primeiro dia que passei no hotel, os dosimetristas já mediram os meus níveis. A roupa, a bolsa, o porta-moedas, os sapatos, tudo “ardia”. Levaram tudo. Até a roupa de baixo. Só não tocaram no dinheiro. Em troca, deixaram uma bata de hospital tamanho 56, apesar de eu vestir 44; e sapatos 43, em vez dos meus 37. Disseram que talvez pudessem devolver a roupa, talvez não, porque dificilmente se poderia “limpar”. Foi desse jeito que eu apareci para ele. Ele se assustou:

“Minha nossa, o que houve com você?”

Apesar de tudo, eu dava um jeito de preparar a sopa. Punha uma jarra de vidro no aparelho de ferver água e jogava ali pedacinhos de frango, bem pequenininhos. Depois alguém me emprestou uma panela, acho que foi a faxineira ou a auxiliar. Alguém conseguiu uma tábua de cortar verduras. Eu não podia ir ao mercado com a roupa do hospital, mas alguém sempre me trazia verduras. Era tudo em vão, ele já não conseguia beber, nem mesmo engolir um ovo cru. E eu que estava sempre tentando conseguir alguma coisa apetitosa! Achava que isso poderia ajudar.

Um dia, fui até o correio:

“Moça, eu preciso ligar com urgência para os meus pais em Ivano-Frankovsk. O meu marido está morrendo.”

Por alguma razão, adivinharam do que se tratava e imediatamente fizeram a ligação. O meu pai, a minha irmã e o meu irmão voaram para

Moscou no mesmo dia. Trouxeram as minhas coisas e dinheiro.

Isso foi no dia 9 de maio... Ele sempre me dizia: “Você não imagina como Moscou é bonita! Principalmente no Dia da Vitória, com os fogos de artifício. Quero que você veja”.

Sentei perto dele, que abriu os olhos:

“É dia ou noite?”

“Nove da noite.”

“Abra a janela! Os fogos vão começar!”

Eu abri a janela. Estávamos no oitavo andar, toda a cidade ali diante de nós! Um buquê de luzes subiu ao céu.

“Olhe, então é isso!”

“Eu prometi que iria te trazer a Moscou. Prometi que nos dias de festa te daria flores, por toda a vida...”

Olhei para ele e vi que puxava de debaixo do travesseiro três cravinhos. Tinha dado dinheiro à enfermeira para comprá-los...

Aproximei-me dele e o beijei:

“Meu amor! Minha vida!”

Ele protestou:

“O que foi que o médico disse? Você não pode me abraçar! Não pode me beijar!”

Fui proibida de abraçar, de acariciar o meu marido... Mas eu... Era eu que o apoiava e o sentava na cama. Era eu que trocava os lençóis, tirava a temperatura, levava e trazia a comadre... Eu que o limpava... Passava todas as noites ao lado dele. Vigia cada um dos seus movimentos, dos seus suspiros. Apesar de eu estar no corredor e não no quarto... Um dia, senti a minha cabeça girar e me agarrei ao peitoril da janela. Nesse momento um médico passou e me segurou pela mão. Perguntou-me de supetão:

“Você está grávida?”

“Não, não!”

Tinha tanto medo que nos tivessem ouvido.

“Não minta”, suspirou ele.

Senti-me tão perdida que nem me ocorreu contestar.

No dia seguinte, fui chamada pela médica-chefe:

“Por que você me enganou?”, perguntou, em tom severo.

“Eu não tinha saída. Se dissesse a verdade, me mandariam para casa. Foi uma mentira piedosa!”

“Você não vê o que fez?”

“Sim. Mas estou com ele...”

“Pobrezinha! Pobrezinha...”

Serei grata por toda a vida a Anguelina Vassílievna Guskova. Toda a vida!

Outras esposas também vieram, mas não permitiram que elas entrassem. Apenas as mães deles estavam comigo, às mães a entrada era permitida. A mãe de Volódia Pravík não parava de rogar a Deus: “Leve a mim, Senhor!”.

O professor norte-americano dr. Gale — o médico que lhe fez a operação de transplante de medula — procurava me consolar: existe uma esperança; pequena, mas existe. Um organismo tão vigoroso, um rapaz tão forte! Chamaram a família do meu marido. Duas irmãs vieram da Belarús e um irmão veio de Leningrado, onde cumpria serviço militar. A pequena Natacha de catorze anos chorava muito, estava assustada. Mas a medula dela era a melhor de todas. (*Silêncio.*) Agora posso falar sobre isso... Antes não podia. Eu me calei por dez anos... Dez anos... (*Silêncio.*)

Quando ele soube que a medula seria doada pela irmãzinha mais nova, recusou com veemência:

“Prefiro morrer. Não toquem em Natacha, ela é pequena.”

A irmã mais velha, Liúda, tinha 28 anos, era enfermeira e sabia do que se tratava. “Que se faça o necessário para ele viver”, disse ela. Eu assisti à operação. Os dois estavam deitados lado a lado em duas mesas... Havia uma grande janela no centro cirúrgico. A operação durou duas horas... Quando terminou, Liúda estava pior que ele, tinha no peito dezoito injeções, saiu com dificuldade da anestesia. Ainda hoje continua doente, aposentaram-na por invalidez... Era uma moça bonita e forte. Não se casou...

Eu corria de um quarto a outro, para ajudar os dois. Ele já não estava no mesmo quarto, mas numa câmara hiperbárica especial, atrás de uma cortina transparente, onde era proibido entrar. Havia uns instrumentos especiais para, sem atravessar a cortina, aplicar as injeções e pôr os cateteres. Tudo era feito com ventosas e tenazes que eu aprendi a manipular. Tirar de um ponto e levar até ele... Perto da sua cama havia uma cadeirinha.

Ele estava tão mal que eu não ousava sair dali nem por um minuto. Chamava o meu nome constantemente: “Liúcia, onde você está? Liúciénka!”. Chamava, chamava sem parar....

As outras câmaras hiperbáricas em que os nossos rapazes estavam eram cuidadas por alguns soldados, porque os auxiliares civis se recusaram a fazê-lo, exigiam roupas isolantes. Os soldados transportavam as comadres. Limpavam o chão, trocavam os lençóis, faziam toda a faxina. De onde surgiram aqueles soldados? Não perguntei. Para mim só havia ele. Ele... E todo dia eu ouvia: “morreu, morreu...”. “Morreu Tischúra.” “Morreu Titiónok.” “Morreu...” Isso me martelava a cabeça.

Ele evacuava 25, trinta vezes por dia. Com sangue e mucosidade. A sua pele começava a rachar nas mãos e nos pés. O corpo ficou coberto de furúnculos. Quando ele virava a cabeça, caíam chumaços de cabelo sobre o travesseiro. E tudo isso era tão meu. Tão querido... Eu tentava gracejar:

“É mais cômodo. Assim, você não precisa mais de pente.”

Logo cortaram os cabelos de todos. Eu mesma cortei o dele. Eu sempre queria fazer tudo por conta própria. Se eu aguentasse fisicamente, ficaria 24 horas ao lado dele. Eu lamentava perder qualquer minuto que fosse... qualquer tempinho, me doía perder... (*Cobre o rosto com as mãos e silencia.*)

O meu irmão veio e se assustou:

“Não vou te deixar voltar mais lá!”

E o meu pai disse a ele:

“Essa aí, você não vai deixar? Ela é capaz de se esgueirar pela janela! Pela escada de incêndio!”

Um dia me ausentei. Ao voltar, vejo sobre a mesa uma laranja grande. Não amarela, mas rosada. Ele sorri:

“Ganhei de presente. Pegue para você.”

A enfermeira me faz um sinal através da cortina para não comer. Uma vez que ficou algum tempo ao seu lado, não é que não se possa comer, é que até tocar é uma temeridade.

“Venha comer”, pede ele. “Você adora laranja.”

Eu peguei a laranja. Nesse momento, ele fechou os olhos e adormeceu. Tomava constantes injeções para dormir. Narcóticos. A enfermeira me olhava horrorizada... E eu? Eu estava decidida a fazer de tudo para que ele não pensasse na morte. Nem no que havia de terrível na sua doença, nem que eu sentia medo dele.

Há um fragmento de uma conversa... Agora me veio à lembrança. Alguém tentava me convencer:

“Você não deve se esquecer de que isso que está na sua frente não é mais o seu marido, a pessoa que você ama, mas um elemento radiativo com alto poder de contaminação. Não seja suicida. Recobre a sensatez.”

Mas eu estava como louca:

“Eu te amo! Eu te amo!”

Enquanto ele dormia, eu sussurrava: “Eu te amo!”. Caminhava no pátio do hospital: “Eu te amo!”. Levava a comadre: “Eu te amo!”. Ficava me lembrando de como vivíamos antes, da nossa casa... Ele só dormia segurando a minha mão. Tinha esse hábito, pegar no sono segurando a minha mão. A noite toda.

E no hospital, era eu que segurava a mão dele e não largava.

Certa noite, tudo estava silencioso. Estávamos sós. Ele olhava para mim longamente e de repente disse:

“Como eu queria ver o nosso filho. Como será que ele vai ser?”

“E como vamos chamá-lo?”

“Bem, é você que vai decidir.”

“Por que eu, se nós somos dois?”

“Então, se for menino, pode ser Vássia, e se for menina, Natachka.”

“Por que Vássia? Eu já tenho um Vássia. Você! Não preciso de outro.”

Eu ainda não sabia como o amava! Ele... Só ele... Estava cega! Eu nem sentia os golpezinhos embaixo do coração, embora já estivesse no sexto mês de gravidez. Eu pensava que a pequena dentro de mim estaria protegida, a minha filhinha. A minha pequena...

Nenhum médico sabia que à noite eu dormia com ele na câmara hiperbárica, nem lhes passava pela cabeça. As enfermeiras consentiam. No início queriam me convencer:

“Você é jovem. O que está inventando? Isso já não é um homem, é um reator nuclear. Vão queimar os dois.”

Mas eu corria atrás delas como um cachorrinho. Ficava uma hora de pé na frente da porta. Pedia, implorava. E finalmente elas me diziam: “Ao diabo! Você não é normal”.

Pela manhã, antes das oito, quando a ronda médica começava, elas me faziam sinais através da cortina: “Corra!”. E eu corria para o hotel. E das nove da manhã às nove da noite eu tinha salvo-conduto. As minhas pernas ficaram azuladas até o joelho, inchadas de cansaço. A minha alma era mais forte que o meu corpo. O meu amor...

Enquanto eu estava com ele, não faziam isso... Mas quando eu saía, eles o fotografavam. Sem roupa. Pelado. Apenas um lençol fino o cobria. Eu trocava o lençol todos os dias, mas à noite já estava todo ensanguentado. Quando eu o levantava, pedaços de pele grudavam nas minhas mãos. Eu suplicava: “Querido! Ajude-me! Apoie-se no braço, no cotovelo, o quanto puder, para que eu possa arrumar o lençol, puxar a costura, as pregas”. Qualquer costura feria a sua pele. Cortei as minhas unhas até sangrar, para não machucá-lo. Nenhuma das enfermeiras tinha coragem de se aproximar dele, de tocá-lo. Se era preciso fazer algo, elas me chamavam. E eles... Eles fotografavam... Para a ciência, diziam. Queria poder expulsá-los todos de lá! Queria poder gritar! Como se atrevissem! Se eu pudesse, não deixaria que entrassem. Se eu pudesse...

Fui do quarto até o corredor me apoiando nas paredes. Tateei até uma poltrona, porque não enxergava nada. Parei em frente à enfermeira

auxiliar e disse:

“Ele está morrendo.”

Ela respondeu:

“E o que você esperava? Ele recebeu 1600 roentgen, quando a dose mortal é de quatrocentos roentgen.”

Ela também sentia pena, mas de outra maneira. Para mim, ele era tudo o que eu tinha, o que eu mais amava.

Depois que todos morreram, o hospital foi reformado. Rasparam as paredes, arrancaram o assoalho, tudo que fosse de madeira.

Por fim, a última coisa. Lembro disso em fragmentos, tudo se desvanece...

À noite, sentei-me na cadeira ao lado dele. Às oito da manhã, falei:

“Vássienka, vou sair um instante. Vou descansar um pouquinho.”

Ele abriu e fechou os olhos, e então me soltou. Assim que cheguei ao hotel, ao meu quarto, deitei no chão, era impossível deitar na cama, o meu corpo todo doía, mas logo uma enfermeira auxiliar bateu à porta:

“Vá! Corra! Ele está te chamando feito um louco!”

Mas nessa manhã, Tânia Kibénok havia me suplicado: “Venha comigo ao cemitério. Sem você, eu não vou conseguir”. Naquela manhã estavam enterrando o marido dela, Vítia Kibénok, e também Volódia Pravík. Nós éramos muito amigos do casal, vivíamos como uma família. Um dia antes da explosão, nos fotografamos todos juntos na residência dos bombeiros, onde morávamos. Como eles estavam bonitos, os nossos maridos! E alegres! O último dia daquela nossa vida, antes de Tchernóbil... Como éramos felizes!

Ao voltar do cemitério, chamei logo a enfermeira:

“Como ele está?”

“Morreu há quinze minutos.”

Como? Eu estive com ele a noite toda. Só me afastei por três horas! Apoiei-me à janela e gritei:

“Por quê? Por quê?”

Olhei para o céu e gritei. Todos no hotel ouviram... Tinham medo de se aproximar de mim. Então, me recompus e pensei: “É a última vez que

o verei! Vou vê-lo!”. Desci a escada, tropeçando... Ele ainda estava na câmara hiperbárica, não o haviam levado. As últimas palavras dele foram: “Liúcia! Liúciénka!”

“Acaba de partir. Agora mesmo”, tentou me acalmar a enfermeira.

Ele suspirou e silenciou.

Eu não me afastei mais dele. Fui com ele até o túmulo, embora me recorde não do ataúde, mas de um saco de polietileno. Esse saco... No necrotério, perguntaram: “Quer que lhe mostremos como vamos vesti-lo?”. “Quero!” Vestiram-lhe um traje de gala e puseram o seu quepe sobre o peito. Não calçaram sapatos, pois os pés estavam inchados. Eram bombas em vez de pés. O traje de gala também foi cortado, não era possível esticá-lo, o corpo estava se desfazendo. Todo ele era uma chaga sanguinolenta.

No hospital, nos últimos dias, eu levantava a mão dele e os ossos se moviam, dançavam, se separavam da carne. Saíam pela boca pedacinhos do pulmão, do fígado. Ele se asfixiava com as próprias vísceras. Eu envolvia a minha mão com gaze e a enfiava na boca dele para retirar tudo aquilo... É impossível contar isso! É impossível escrever sobre isso! E sobreviver... E tudo isso era tão querido... Tão meu... Nenhum número de sapato serviria... Puseram-no descalço no ataúde.

Sob os meus olhos, vestido de gala, meteram-no dentro de um saco plástico, que ataram. E esse saco foi posto no ataúde de madeira. E o ataúde também foi envolvido por outro saco. Um celofane transparente, mas grosso como uma lona. E puseram tudo isso num féretro de zinco, tiveram que forçar. O quepe ficou por cima.

Vieram todos. Os pais dele, os meus pais. Compraram lenços pretos em Moscou. Fomos recebidos por uma comissão extraordinária. Falavam a todos sempre a mesma coisa: “Não podemos entregar o corpo dos seus maridos, dos seus filhos, são muito radiativos, serão enterrados de uma maneira especial num cemitério de Moscou. Em féretro de zinco soldado, sob pranchas de concreto. E vocês devem assinar este documento. É necessário o seu consentimento”. E se alguém, indignado, queria levar o ataúde para casa, convenciam-no de que se tratava de

heróis, diziam que já não pertenciam às suas famílias. Que eram personalidades. Pertenciam ao Estado.

Subimos para o ônibus funerário. Os familiares e alguns militares. Um coronel com um rádio. Pelo rádio se ouvia: “Esperem as nossas ordens! Esperem!”. Rodamos duas ou três horas por Moscou, seguimos por vias circulares. Voltamos a Moscou. Pelo rádio, diziam: “Não podem entrar no cemitério. Está rodeado de correspondentes estrangeiros. Esperem mais um pouco”. Os familiares estavam calados. Mamãe estava com um lenço preto.

Sinto que vou perder a consciência. Tenho um ataque de histeria: “Por que estão escondendo o meu marido? O que ele é? Um assassino? Um criminoso? Presidiário? Quem está sendo enterrado?”. A minha mãe diz: “Calma, calma, filhinha”. Ela segura o meu rosto e o acaricia.

O coronel informa pelo rádio: “Solicito permissão para me dirigir ao cemitério. A esposa está com ataque de histeria”.

No cemitério, fomos rodeados por soldados. Seguimos sob escolta. O ataúde seguiu sob escolta. Não deixavam ninguém passar para se despedir, apenas os familiares. Cobriram-no de terra rapidamente. “Rápido! Rápido!”, o oficial ordenava. Nem nos deixaram abraçar o ataúde.

E tivemos de voltar correndo para o ônibus.

Imediatamente compraram e nos trouxeram as passagens de volta para casa. Já para o dia seguinte. O tempo todo esteve conosco um homem vestido de civil, mas com porte militar, que não nos permitia nem sair do quarto e comprar comida para a viagem. Temia que falássemos com alguém, sobretudo eu. Como se naquele momento eu pudesse falar! Nem chorar eu podia.

A funcionária do hotel, à nossa saída, contou todas as toalhas e lençóis. Enfiou tudo num saco de polietileno. Com certeza os queimou. Nós pagamos pelo hotel. Por catorze dias.

O processo clínico das doenças radiativas dura catorze dias. Depois de catorze dias, as pessoas morrem.

Assim que cheguei em casa, adormeci profundamente. Entrei e desmoronei na cama. Dormi três dias, ninguém conseguia me acordar. Chamaram o pronto-socorro. O médico disse: “Não, ela não morreu. Ela vai acordar. É uma espécie de sono terrível”.

Eu tinha 23 anos...

Eu me lembro de um sonho... Nele, a minha avó já falecida vem me ver, com a mesma roupa que a enterramos. Ela está enfeitando um pinheiro. “Vovó, por que temos um pinheiro? Não é verão?” “Porque deve ser assim. O teu Vássienka logo estará aqui comigo.” E ele, que cresceu no bosque...

Em outro sonho, Vássia chegava de branco e chamava por Natacha. A nossa filhinha, que ainda não tinha nascido. No sonho ela já era grande e eu me perguntava, assombrada, quando é que ela havia crescido tanto. Ele a lançava para cima, no ar, e os dois riam... Eu olhava para eles e pensava que a felicidade é simplesmente isso. Simplesmente isso.

Tive mais um sonho: nós dois andávamos pela água. Andamos muito, muito tempo... Ele pedia que eu não chorasse. Dava sinais de lá... De cima. (*Longo silêncio.*)

Depois de dois meses, voltei a Moscou. Da estação de trem para o cemitério, para vê-lo. E ali, no cemitério, começaram as contrações. Logo que comecei a falar com ele... Chamaram a ambulância. Eu lhes dei o endereço do hospital. Dei à luz ali mesmo, com a mesma médica, Anguelina Vassílievna Guskova. Ela tinha me dito: “Venha fazer o parto conosco”. E para onde mais eu iria? Dei à luz duas semanas antes do previsto.

Me mostraram... Uma menina...

“Natáchenka! Papai te deu o nome de Natáchenka”, eu disse.

Pelo aspecto, parecia um bebê saudável. Bracinhos, perninhas... Mas tinha cirrose. No fígado havia 28 roentgen, e uma lesão congênita no coração. Depois de quatro horas, me disseram que ela tinha morrido. E me falaram de novo: “Nós não vamos te dar o corpo dela”. “Como não vão me dar o corpo?! Sou eu que não o darei a vocês! Vocês querem tomar a minha filha para a ciência, pois eu odeio a sua ciência! Odeio! A

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Vozes de Tchernóbil: A história oral d..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).